

Bíos e hibridização: biografia cristã e pagã

PEDRO IPIRANGA JÚNIOR

Universidade Federal do Paraná
Brasil

RESUMO. O presente trabalho enfoca a formação e a função de algumas obras de teor biográfico, mas que apresentam características acentuadas de outros gêneros discursivos, obras pagãs como *Sobre o fim de Peregrino* de Luciano de Samósata, obras cristãs, como *Atos de Paulo e Tecla* e *os Atos de Pedro*, entre outros Atos Apócrifos. Pretende-se uma rediscussão do gênero do *bíos* como uma forma sincrética de outros gêneros e, de certa forma, um como um gênero-moldura, em que a hibridização possa ser parte de sua constituição. Por essa perspectiva, são analisadas as diversas formas de hibridismos, como por exemplo, os entrecruzamentos e assimilações entre o gênero biográfico e a narrativa romanesca. Ensaíamos, a partir de tal problemática, elaborar uma categoria diferenciada relativa à hibridização que se processa em tais narrativas, buscando discernir o efeito buscado enquanto *páthos* do discurso que suscita prazer, engajamento e crença em leitores e ouvintes.

PALAVRAS-CHAVE. Biografia antiga; gêneros híbridos; atos apócrifos; Luciano de Samósata.

Pétroi Pétros eû práttein

Neste trabalho busco estabelecer alguns parâmetros metodológicos e teóricos para o fenômeno biográfico na Antiguidade num percurso diacrônico que abarca um conjunto de obras referenciais na formação do gênero *bíos* antigo e para a constituição de um tipo de *bíos* voltado para a figura do filósofo e/ou líder religioso. Centro a análise em textos de dois autores, Sócrates e Luciano de Samósata, que não receberam a atenção devida por parte dos comentadores no que tange à perspectiva biográfica, mas que fornecem uma argumentação crítica e relevante para uma melhor avaliação de traços e categorias biográficos e para um discernimento mais claro de finalidades e efeitos buscados pelas diversas variantes do gênero.

No século IV, não existia um gênero biográfico propriamente identificado e nomeado. Havia narrativas, a princípio, classificadas como encômio ou apologia, que apresentavam um retrato, facetas de personalidade,

caracteres e um percurso biográfico não muito desenvolvido de soberanos, generais, poetas e filósofos. Os argumentos feitos pelos escritores da época propiciavam, no início do relato ou no fim, indicações importantes para balizar e tentar classificar o tipo de obra que intentavam compor.

Em sua obra *Sobre a troca*, Isócrates sente a necessidade de, no prefácio, forjar acusações contra si mesmo e, em vista disso, imaginar para si uma situação de julgamento em que, necessariamente, deva fazer sua defesa. Nesse texto, como na *Apologia de Sócrates* escrita por Platão, a situação de julgamento é agenciadora da estruturação da narrativa e determinadora da exposição de fatos e qualificações biográficas e auto-biográficas. Isócrates efetiva uma *mimesis* emuladora do texto platônico¹, explicitada pela formulação das acusações em termos semelhantes às que-las anteriormente dirigidas a Sócrates: corromper os jovens, tornar forte, através da habilidade discursiva, o discurso fraco.

Segundo Momigliano², esta que poderia ser a primeira autobiografia grega busca sua filiação de gênero na arte do elogio, citando textualmente a poesia de Píndaro como correlata. Não obstante, a obra se propõe desde o início como uma apologia de si, o que, nesse contexto, significa a defesa e a justificação da atividade de um mestre de escola, retórica, segundo a perspectiva de Platão e Aristóteles, filosófica, segundo o ponto de vista do próprio Isócrates. Com uma estruturação complexa, aí figuram extratos de vários escritos de Isócrates, a partir de que ele se esforça em vincular sua ação propriamente discursiva com eventos e crises políticas de Atenas, em particular, e dos gregos em geral, apresentando a si como o melhor conselheiro da *pólis* e como seu pensador mais visionário e perspicaz.

Aparecem enumerados alguns de seus discípulos, dos quais um, Timóteo, teve notável carreira como general e líder político. Pelo fato de ter caído em desgraça junto aos cidadãos, Isócrates julga por bem fazer a defesa do antigo aluno, o que o leva a compor um esboço biográfico retratando suas ações como militar e como administrador dos negócios públicos, bem como suas qualidades – mormente sua capacidade para deliberar bem. Teríamos, portanto, esse registro biográfico dentro de uma moldura narrativa autobiográfica.

¹ Cf. P. Ipiranga Júnior. *Imagens do outro como um si mesmo: drama e narrativa nos relatos biográficos de Luciano de Samoósata e na Vita Antonii de Atanásio*, Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, 2006 (Tese de doutoramento), p. 85-87.

² Cf. A. Momigliano, *La Naissance de la Biographie en Grèce Ancienne*. Tradução de Estelle Oudot. Strausbourg: Circé, 1991, p. 75.

Todavia, esse tipo de texto é taxado comumente como uma espécie de retórica epidítica, haja visto que o próprio Isócrates o relaciona à poesia de cunho encomiástico. Essa incerteza (e, por vezes, impossibilidade) para delimitar o gênero biográfico nos séculos V e IV se torna patente na obra erudita e referencial de Momigliano sobre a biografia grega antiga, chegando ele a declarar:

(...) ainda que conheçamos a existência de biografias e talvez de autobiografias desde o século quinto a.C., é somente na época helenística que a biografia torna-se uma noção precisa e adquire um nome apropriado. Esse nome é “bíos”, – e não “biografia” que aparece pela primeira vez nos fragmentos da “Vida de Isidoro” de Damáscio (fim do século V d.C.) conservados na *Biblioteca* (181 e 242) de Fócio (século IX).³

Assim, é de uma forma retrospectiva que o gênero do *bíos* vai englobar as narrativas anteriores que apresentam traços similares. Momigliano tende, por seu turno, a desvalorizar, de certo modo, essas experimentações no terreno biográfico realizadas no século IV, em função do fato de que os socráticos (como Platão e Xenofonte) exploraram, segundo ele, “essa zona entre verdade e ficção que sempre desconcerta tanto o historiador” e por que os representantes da eloquência de aparato e judiciária (no caso, para ele, Isócrates e Demóstenes) distorciam o relato biográfico na busca do termo melhorativo.

Não é mais o caso, todavia, de fazer uma avaliação de tais obras segundo o crivo de um tipo de historiador, exemplificado pela figura de Momigliano; a perspectiva teórica aqui adotada é de verificar em tais obras traços distintivos que se tornariam característicos da prosa biográfica posterior e de encontrar categorias pertinentes para dimensioná-las. Com efeito, essa tensão entre verdade e ficção, tão problemática para um tipo de historiografia, é, na verdade, o aspecto híbrido mais determinante do fenômeno biográfico em todas as suas formas.

O que se percebe, sob essa ótica, nas experimentações biográficas de Isócrates é uma reflexão sobre o próprio discurso em vista de uma justificação e de uma determinação. Em *Sobre a troca*, ele esclarece que seu discurso ultrapassa o escopo dos discursos encomiásticos e judiciários da época; o termo encontrado para distinguir sua atividade e seu escrito é filosofia. Ao contrário da concepção platônica exposta no *Fedro*, a filosofia aqui pode adquirir a forma de uma prosa escrita, no caso, de tom mar-

³ Momigliano, 1991, p. 25-26.

cadamente (auto)biográfico. Por outro lado, ele evoca as odes de Píndaro para delimitar o status de seu texto: o fator, a princípio, enfatizado, é o da utilidade; sua obra seria bem mais útil para os cidadãos atenienses e aos gregos do que a de Píndaro. No entanto, a referência à poesia se desdobra em várias perspectivas segundo as quais seus textos devem ser definidos, diferenciados e valorizados.

Em outro texto, *A Nicocles*, Isócrates, volta a comparar os seus escritos em prosa aos poemas em metros (*katalogáden syngrammáton x tôn metà métrou poiemáton*) (Isoc. 2, 27). Nessa passagem, Isócrates busca uma aproximação com a poesia dita gnômica, fazendo questão de frisar que, enquanto esta promove a educação de particulares, a sua prosa é direcionada para a educação do soberano. Como em *Antidosis*, ele descreve o tipo de paideia que fornece utilizando o *tópos* do treinamento da *psykhé* como correlato do treinamento físico. Tal treinamento é baseado numa *epiméleia*, num cuidado e treino continuado de si, num contínuo ensaio de situações deliberativas, ou seja, uma prática de si em situações inventadas, mormente de julgamento, para testar sua capacidade de deliberação. O soberano, dessa forma, deve cuidar de si, exercer um autocontrole do prazer e do desejo para assim cuidar da multidão, tornando-se benévolo a ela e sabendo administrar honras adequadamente segundo o mérito de cada um. Ele ainda contrapõe sua prosa alinhada com a poesia gnômica à poesia épica e dramática: estas visariam agradar a multidão tendo como parâmetro o prazer; aquelas, visando o útil, influenciariam a opinião e a conduta do soberano e dos súditos.

Não obstante, numa outra exposição em *Sobre a troca*, sua prosa buscaria emular e ultrapassar a poesia em dois aspectos: por um lado, exprime um cultivo e um aprimoramento da linguagem segundo o uso de variados recursos estilísticos; por outro, promove a recordação e imortalização de grandes figuras históricas, seus feitos e caráter. Esta justificação daquilo que denominei bela prosa útil não deixa de ser uma justificação para um discurso que envereda para o terreno biográfico. Esta prosa biográfica não tem como fim apenas a constituição de uma imagem em tons panegíricos; ela ambiciona a transformação dessa imagem, quer no sentido de se opor a uma construção adversa ou hostil ao biografado, quer no sentido de erigir um modelo segundo os princípios políticos e morais do biógrafo.

Este esforço de Isócrates em delimitar o seu discurso em relação ao gênero da poesia e da eloquência judiciária e de aparato é análogo ao do personagem Sócrates na *República* de Platão, o qual traça fronteiras entre o discurso do filósofo e os gêneros da poesia e da retórica. Apesar disso, o que se verifica, por exemplo, na *Poética* de Aristóteles é que os chamados

escritos sócráticos (aí incluídos os diálogos platônicos) são classificados como *mimesis*, embora não sejam metrificadas; por seu lado, os escritos de Isócrates ali não se enquadrariam, classificados entre as três espécies da retórica aristotélica.

Ainda que não se possa nesse estudo aprofundar sobre esta tensão oblíqua entre gêneros em prosa e gêneros poéticos, o que se revela à primeira vista é que os gêneros da épica, da comédia e da tragédia são preferencialmente utilizados para delimitar as fronteiras e o campo de ação do diálogo platônico, enquanto o gênero lírico de caráter encomiástico ou pedagógico qualifica distintamente a prosa isocrática, no caso, de tom biográfico. De uma forma ou de outra, essa prosa ainda não nomeada nem conscientemente classificada recebe dos gêneros poéticos especificados índices de determinação.

Outro aspecto constituinte dessa prosa biográfica vem da narrativa do historiador. Em sua obra *Agesilau*, Xenofonte realiza um tipo de experimentação biográfica que se tornará paradigmática do gênero *bíos* posterior. Estrutura seu relato em dois blocos: o primeiro dedicado às *práxeis*, às ações; o segundo dedicado ao *éthos*, no caso, ao caráter de um dos reis de Esparta. Embora não abarque o período da infância e da juventude, ele expõe os feitos de Agesilau seguindo uma ordem cronológica, desde sua ascensão ao trono de Esparta. Seria esperável que na primeira parte Xenofonte compusesse uma narração análoga à da história, muito embora centrada no percurso de um único líder político e militar. Em relação ao gênero, faz questão de salientar – tanto no prólogo como no epílogo (Xen. *Ages.* 1, 10) – que escreve um encômio de Agesilau, negando que se possa tratar de uma oração fúnebre.

Seu modelo direto⁴ é o *Evágoras* de Isócrates, também dedicado a um líder político e militar e também nomeado como um encômio. Ambas as obras são experimentações no terreno do biográfico, porém ainda consideradas sob a ótica de uma prosa encomiástica. Antes de mais nada, o que chama a atenção é que tanto a atividade do biografado, quanto a atividade do biógrafo interferem no direcionamento, estruturação e função do rearranjo de elementos biográficos de cada relato. Quando se fala de um soberano ou general, parece surgir a necessidade de um percurso biográfico, ou seja, um relato sequencial que acompanhe um período da

⁴ Embora contemporâneos, a precedência da obra de Isócrates em relação a de Xenofonte é confirmada pela unanimidade dos comentadores. O *Evágoras* teria sido composto por volta de 370 a.C., enquanto o *Agesilau* seria redigido por volta de 360 a.C.; cf. Momigliano, 1991, p. 75-77.

vida – que pode se estender para a vida inteira, do nascimento à morte – de um homem, apresentando seus feitos, ações e deliberações em ordem cronológica. Quando o objeto da narração é um filósofo, sofista ou líder de escola, parece haver uma premência para retratar cenas biográficas, ou seja, a evocação de um momento ou evento importante na vida do protagonista em que se proporcione a oportunidade para a exposição de argumentos, doutrinas ou formas de pensar e agir, quer através de diálogos, discursos, quer através de citações textuais de escritos.

Não seria o caso aqui de se postularem modelos de biografia, na esteira dos modelos idealizados por Friedrich Leo: o plutarqueano, que seguiria um esquema cronológico, e o suetoniano, que faria uma abordagem sistematizada e topicalizada.⁵ Proponho, ao invés disso, como instrumental metodológico algumas categorias analíticas no sentido de repertoriar elementos e aspectos de um discurso biográfico que aparecem em certas obras ou grupos de obras, ainda marcadas por uma indeterminação ou hibridização de gêneros. Segundo tal perspectiva, é paradigmático dessa hibridização o escrito de Isócrates anteriormente comentado. O autor elenca uma série de gêneros discursivos em relação aos quais o seu texto deveria ser perspectivado: o discurso forense, apologético, o discurso de aparato, encomiástico, o discurso filosófico, pedagógico, a poesia laudatória, didática e de elocução acurada, além de relatos de sua atividade como mestre de escola, um excuro biográfico de um de seus discípulos, excertos de escritos anteriores, algumas remissões ao pai e a sua educação quando jovem.⁶ Aí encontramos, em menor ou maior medida, as categorias antes definidas: o percurso biográfico de seu discípulo, um general ateniense, é resumidamente relatado. Por seu turno, a cena biográfica inicial constitui uma espécie de matriz da prosa biográfica: trata-se da situação de julgamento em que Isócrates imagina para si próprio, a qual, ainda que forjada, vincula-se a uma efetiva ação jurídica movida contra ele anteriormente, concernente a um encargo público: a equipagem de um navio.

Em seu artigo sobre gênero na Antiguidade, “Classical Genre in Theory and Practice”, Joseph Farrell⁷, por um lado, chega à conclusão de que, nos períodos romano e helenístico, os escritores parecem testar e mesmo violar fronteiras de gêneros. Por outro lado, ele declara que, nos períodos clássico e arcaico da literatura grega, haveria, por parte tanto

⁵ Cf. Momigliano, 1991, p. 34-36.

⁶ Cf. Ipiranga Júnior, 2006, p. 62-69.

⁷ J. Farrell, *Classical Genre in Theory and Practice*. URL: <http://muse.jhu.edu/login?uri=/journals/new_literary_history/v034/34.3farrell.html>, acessado em 15 de março de 2011.

de poetas quanto de críticos, um alto grau de autoconsciência de gênero, ou seja, uma necessidade de assegurar e sempre reafirmar as fronteiras entre os gêneros. É claro que em seu estudo ele faz referência ao campo da poesia e da poética, o que fugiria do escopo desse trabalho. Contudo, mesmo pelo reduzido número de obras aqui aventadas, verifico que, em certas obras, como o *Evágoras* de Isócrates e o *Agésilau* de Xenofonte, a despeito das categorias biográficas aí consideradas e do hibridismo aí constituído, um e outro fazem questão de enquadrá-las num gênero específico: a prosa encomiástica.

Não obstante, em certas obras, a exemplo de *Sobre a troca*, revela o autor como que a insatisfação de considerar tal texto pertencente a tal ou qual gênero. Por conseguinte, antes de um grupo de obras ser nomeado e funcionalmente categorizado sob o nome e a concepção de *bíos*, o discurso biográfico aparecia segundo categorias em maior ou menor medida conscientes, em escritos em prosa, submetidos a uma hibridização de tal magnitude que geraria, no mínimo, uma indeterminação. Em suma, híbrida a prosa biográfica.

Depois de um período de estabelecimento e formação durante a época helenística – de que restam pouquíssimos testemunhos, como os fragmentos de boa parte da *Vida de Eurípidés* de Sátyro –, o gênero do *bíos* alcança uma fase de pleno reconhecimento. Dessa fase formativa anterior, é capital o testemunho do historiador Políbio no livro 10 de suas *Histórias*. Chegado ao ponto de sua narrativa em que teria de falar de Filopêmene, Políbio explicita o fato de haver escrito uma obra sobre a vida desse general, o que o leva a discernir os traços distintivos de uma e outra obra, a histórica e a biográfica.

Em comum com o gênero do *bíos*, a finalidade da escrita do historiador não poderia deixar de suscitar a emulação e imitações de homens para aprimoramento do leitor. A diferença consistiria, a princípio, no enfoque: no *bíos*, Políbio expõe a formação de Filopêmene desde jovem, enumerando seus feitos mais famosos, mas promovendo uma seleção resumida de suas ações na maturidade; nas *Histórias*, por outro lado, omite detalhes relativos à sua formação inicial e às ambições da juventude, alargando a parte dos feitos na maturidade. Além disso, o tratamento encomiástico presente no *bíos* leva a uma exposição exagerada marcada pela amplificação, enquanto o gênero da história exigiria imparcialidade do autor, apresentando o fundamento de cada louvor e de cada censura (Plb, *Hist*, 10, 21).

Luciano, em *Como se deve escrever a história*, faz explícita essa contraposição entre história e prosa encomiástica: segundo a letra do ar-

gumento, não se poderia admitir na escrita do historiador nem o engano da prosa epidíctica, nem a ilusão da composição poética. O *pseûdos*, em sua dupla acepção, quer da retórica, quer da poesia, substancializando os principais vícios que o historiador deveria evitar, desvirtuaria o trabalho gráfico do historiador. Se pensarmos nas formulações antes mencionadas de Isócrates e na delimitação traçada por Políbio, a prosa biográfica, de certo modo, seria a escrita viciada da história, híbrida do *pseûdos* retórico e do *pseûdos* poético.

Segundo Momigliano, houve sempre, da parte dos antigos, a consciência das fronteiras de gênero entre biografia e história, no período romano-helenístico, assim como entre história política e pesquisa antiquária no período grego clássico. No entanto, a própria definição e, com efeito, o desdobramento do fenômeno biográfico redimensiona as fronteiras entre uma e outra, assim como com vários outros gêneros do discurso.

Na passagem famosa de Plutarco, em sua *Vida de Alexandre*, temos essa fronteira dimensionada numa forma que se tornou canônica: enquanto os historiadores descrevem guerras, batalhas e outros eventos de grande alcance político, o biógrafo procura os sinais da alma, o retrato de uma vida e dos costumes através da exposição de fatos e de discursos que melhor revelem o vício e a virtude do homem (Plut. *Alex.*, 1.1). Segundo Patricia Cox, na ótica plutarqueana, o *bíos* é um discurso revelatório do íntimo de si, suas ações se tornando significantes se mostram o caráter e desvelam a geografia interior da vida do herói,⁸

Numa perspectiva antagonista a essa, Maria aparecida de Oliveira Silva advoga a tese de que, a despeito de uma estrutura biográfica exterior, a escrita de Plutarco testemunha práticas próprias do historiador, explicitadas pela acurada pesquisa e coleta dos dados, ênfase nas ações públicas, descrição do contexto histórico do biografado fazendo emergir a sociedade que o cercava, crítica das fontes, apresentando incongruências das interpretações, comparação de eventos históricos em épocas diferentes, avaliação das ações e consequências para a cidade. Nesse sentido, contrapõe a autora o que Plutarco declara na vida de Alexandre ao que registra no prefácio da vida de Timoleão, no qual se coloca entre aqueles que se ocupam seriamente com a história.⁹

⁸ P. Cox, *Biography in Late Antiquity: a Quest for the Holy Man*, Berkeley, Los Angeles; London, University of California Press, 1983, p. xi.

⁹ M.A.O. Silva, *Plutarco historiador: Análise das Biografias Espartanas*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2006, p. 55.

De uma forma ou de outra, a definição de fronteiras diz respeito à possibilidade de contaminação de elementos entre uma e outra. Isso se torna patente na obra *Alexandre ou o falso profeta*, de Luciano de Samósata. Escrevendo um *bíos* de caráter cômico e satírico, o autor apresenta como precedente, provavelmente forjado, a vida do bandido Tiloboro, pretensamente escrita pelo historiador Arriano. O biógrafo, assim, para justificação e legitimação de seu trabalho buscaria o paralelo com a ação do historiador.

Em trabalho apresentado no V Colóquio Internacional do GIPSA: ‘Luciano e a tradição luciânica’, arrolei as várias classificações dos comentadores sobre as experimentações biográficas de Luciano. Como resultado, cheguei à delimitação de duas espécies biográficas. A primeira apresenta três parâmetros distintivos: a forma epistolar, a assinatura de Luciano, ou seja, o aparecimento do nome do autor dentro da obra, e a temática sobre a adesão a uma crença religiosa e/ou filosófica, tendo como exemplares *Alexandre ou o falso profeta* e *Sobre o fim de Peregrino*. A segunda espécie formaria uma classe de narrativas não assinadas, estando presente a tematização sobre o processo de filiação a uma corrente de pensamento, aí estando imbricados os campos da filosofia e da religião, espécie esta exemplificada pelo *Nigrino* e pelo *Demônax*.¹⁰

Demônax, Nigrino, Peregrino e Alexandre seriam essas figuras meio filósofos, meio santos, cuja retratação biográfica marca uma nova fase ou uma nova categoria de *bíos*. Segundo Patricia Cox, a vida do sábio ou do filósofo santo testemunha novos valores advindos à figura do filósofo, cuja vida se pauta pela busca do divino e por um modo de vida, uma prática ascética, que corroboraria seu estado de santidade. Embora considere os traços de ligação e continuidade com a biografia greco-romana anterior, ela concebe a biografia do homem santo como um gênero distinto, cujos traços caracterizadores do sábio santo se tornam, com efeito, motivos literários do gênero, a saber, a sabedoria (possuída desde jovem), talento para perceber a natureza humana e as disposições das almas dos outros, a filantropia, a simpatia pelos companheiros, o desejo de comunicar sua sabedoria, a formação de discípulos, a mudança orquestrada na vida dos seguidores e êmulos, devoção a um estilo de vida ascético.

Além disso, ela distingue duas categorias segundo o grau de divindade atribuído a cada filósofo: 1) o filósofo divino como filho de deus,

¹⁰ P. Ipiranga Júnior, Luciano e a experimentação biográfica: filosofia e religião; conferência apresentada em abril de 2009, no V Colóquio Internacional do GIPSA: “Luciano e a tradição luciânica”.

identificável, por exemplo, na *Vida de Apolônio de Tiana*, escrita por Filóstrato e nas vidas de Pitágoras, de Porfírio e Jâmblico; 2) o filósofo divino como semelhante a deus, tendo como exemplares a *Vida de Plotino*, de Porfírio, e a *Vida de Orígenes*, de Eusébio.¹¹

Seguindo outra linha de argumentação, Van Uytfanghe parte do conceito definido por Delehaye de hagiografia como “todo documento escrito inspirado pelo culto dos santos e destinado a promovê-lo”¹² e desenvolve o conceito de discurso hagiográfico segundo os seguintes parâmetros:

- a) O personagem está ligado a Deus ou ao divino por uma relação particular;
- b) Entre enunciado e realidade histórica, há três aspectos: subjetividade do personagem, tradição oral orientando o substrato histórico, a instrução e edificação dos outros por pensamentos e ações exemplares dos protagonistas;
- c) Função performativa do enunciado, através de apologia e/ou idealização (admiração/veneração);
- d) Temas e arquétipos alimentam a estilização, correspondendo mais ou menos ao retrato do *Theïos Anér*, como dotado de virtudes, no duplo sentido de ascese e dons sobrenaturais.¹³

Como corpus mais representativo deste discurso hagiográfico, ele elenca as obras: *Vida de Apolônio de Tiana*, de Filóstrato (234 d.C.), vidas de Pitágoras, de Porfírio (301-305) e de Jâmblico (250-330), a *Vida de Plotino*, de Porfírio, *Vidas dos filósofos*, de Eunápio (345/346-420), a *Vida de Proclo*, por Marino de Neápolis (escrita em 485), a *Vida de Isidoro*, de Damáscio de Damasco (fim do século V/ início do século VI) e as duas biografias de Platão do século VI, uma de Olimpodoro e outra de um anônimo.

Tanto este conceito de discurso hagiográfico de Van Uytfanghe, quanto o gênero ‘vida de homem santo’ preconizado por Patricia Cox buscam redefinir o fenômeno do biográfico segundo o forte apelo religioso e ascético das biografias, sobretudo, a partir do século III de nossa época. Em minha tese de doutorado, ensaiei uma teorização sobre tais

¹¹ Cox, 1983, p. 17-44.

¹² H. Delehaye, *Les Légendes Hagiographiques*. (= *Subs. Hag.*, 18). Bruxelles, Société des Bollandistes, 1955, reimp. 1973, p. 2.

¹³ M. Van Uytfanghe, Marc. L’Hagiographie un “genre” chrétien ou antique tardif?, *Analecta Bollandiana* (Revue Critique D’Hagiographie), Bruxelles, Société des Bollandistes (Tome 111), 1993, p. 67-85

obras classificando-as como pertencentes a um gênero aí nomeado como *bíos* hagiográfico, que teria como contra-parte cômica o *bíos* aretológico exemplificado pelas narrativas biográficas de Luciano.¹⁴

Tais obras de Luciano, sob a perspectiva de relatos biográficos engajados num tipo de discurso sério, o mais das vezes laudatório, são consideradas marginais e, de certo modo, desvalorizadas. Da obra biográfica luciânica, Patricia Cox se serve dela de maneira comparativa e, às vezes, comprovativas de alguns de seus argumentos; porém, dela não se utiliza para compor o quadro da vida de um homem santo, no sentido de captar seus atos na intersecção do divino e do humano, escolhendo o prisma plutarqueano de revelação da geografia interior como matriz definidora do gênero.

Não obstante, se partirmos da perspectiva luciânica, o modo de delimitar escopo e finalidade de tal tipo de vidas é bem distinto. Segundo Isócrates, a justificação para falar do *bíos* de outro ou de si mesmo é o estabelecimento, manutenção ou transformação da *dóxa*, da imagem de si junto ao corpo de cidadãos. Para Aristóxeno, conforme a argumentação de Momigliano¹⁵, a biografia fornecia a ocasião para a propaganda de uma corrente de pensamento, no caso o pitagorismo, o que resultava na composição de livros derogatórios contra as escolas filosóficas rivais.

Luciano se coloca dentro dessa tradição crítica e contestadora, consciente do extremo poder do *bíos* para conferir ou retirar a *dóxa*, de transmitir uma boa ou má reputação, a imagem de um homem divino ou de um charlatão. Em suas narrativas biográficas, ele explora o fenômeno biográfico ligado à figura do homem santo, mas também experimentando a inserção de outras formas literárias, como a forma epistolar e o diálogo, formas utilizadas historicamente para a discussão de princípios doutrinários e para a exposição da ascética filosófica e religiosa.

Para concluir, considero que ele tematiza tanto o típico homem santo pagão, em suas versões positiva, Demônax e Nigrino, e negativa, Alexandre, quanto o santo cristão, aqui temporariamente encarnado na figura de Peregrino. Na obra *Sobre o fim de Peregrino*, o protagonista é cognominado Proteu, pelo fato de trocar de doutrina como um ator que troca de figurino, convertendo-se ao cristianismo e, em seguida, adotando o modo de vida cínico. Esse é um *bíos* chave para articular os relatos biográficos pagãos e cristãos, aqui unidos na perspectiva da morte, central para a literatura de martírio e para os Atos Apócrifos dos Apóstolos; aí Luciano

¹⁴ Cf. IPIRANGA JÚNIOR, p. 286-288.

¹⁵ Cf. Momigliano, p. 108-115; cf. Cox, p. 10-12.

engaja leitores e ouvintes numa *performance* que encena o processo de adesão ou não a uma corrente filosófica e/ou religiosa, num tipo de relato híbrido da forma séria e da forma cômico-satírica, por mim assim denominada de *bíos* hagiodramático.

TITLE. *Bíos and hybridization: pagan and Christian biography.*

ABSTRACT. This paper focuses on the formation and function of some works of biographical content but that have characteristics of other genres sharp, works as a pagan *On the end of Peregrinus* of Lucian of Samosata, Christian works, such as *Acts of Paul and Thecla* and *Acts of Peter*, among others Apocryphal Acts. The aim is a renewed discussion of the genre of *bíos* as a syncretic form of other genres and, in some ways, one as a gender-frame, in which hybridization can be part of their constitution. From this perspective, we analyze the various forms of hybrids, such as the intersections between gender and assimilation biographical and novelistic narrative. We rehearsed from such problems produce a different category on the hybridization that occurs in such tales, trying to discern the desired effect as pathos of the speech that arouses pleasure, engagement and belief in readers and listeners.

KEYWORDS. Ancient biography; hybrid genders; Apocryphal acts; Lucian of Samosate.